

GINÁSTICA RÍTMICA COMO DISPOSITIVO ESTESIOLOGICO

IMERSIVO: REFLEXÕES INICIAIS

Aline Lima Ferreira

Universidade de São Paulo

alineferreira@usp.br

Kaio César Celli Mota

Universidade de São Paulo

kio_mota@usp.br

Michele Viviane Carbinatto

Universidade de São Paulo

mcarbinatto@usp.br

A emersiologia surge como uma área da filosofia que se aprofunda sob a perspectiva da fenomenologia, ou seja, busca acessar além da experiência vivida, o corpo-vivo. Neste sentido, entendemos a sensação estesiológica, como aquela do corpo-próprio, do sentir mesmo, sem intermediário (Andrieu e Nóbrega, 2016). O corpo-vivo nos conecta às condições do organismo, integrando as interações com o mundo e mantendo-nos em sintonia com sensações internas como dor, prazer, doença ou envelhecimento. Dessa forma, o corpo-vivo vivencia experiências e responde a estímulos, antes mesmo de serem percebidos pela consciência através do corpo-vivido (Andrieu, 2014). Andrieu e Nóbrega (2016), apresentam a dança contemporânea como dispositivo imersivo, de maneira que o corpo se envolve na dança de forma mais instintiva e intuitiva, acessando aquilo que está fora do hábito em relação aos padrões de movimentos, ultrapassando os limites da consciência e daquilo que já foi antes experienciado, buscando se comunicar de maneira essencialmente sensorial. Uma vez que a linguagem apresenta-se como uma barreira no caminho de acesso ao corpo-vivo, a informação que foi processada, aflorou-se pela experiência do corpo-vivido e não mais pelo corpo-vivo. A dança atua como espaço de compreensão da corporeidade, como linguagem expressiva do corpo-vivo, uma vez que há na prática uma imersão do vivido no vivo. Nesse viés, analisamos a ginástica rítmica (GR), e aqui compartilhamos nossas reflexões iniciais. Observamos a ação das ginastas durante o momento da apresentação, o produto final dos treinos em formato de coreografia, como possibilidade de dispositivo imersivo, assim como a dança contemporânea. A tríade: música, aparelho e movimento, nos traz uma caracterização única desse esporte. Entendemos na análise da GR a existência de um paradoxo em relação à estesiologia: a ausência do movimento inédito, ou seja, fora do escopo do hábito. Uma vez que as ginastas sabem exatamente qual ação será executada em cada parte da rotina coreográfica e realizam repetidas vezes a mesma ação no período de treinamento. Entretanto, visualizamos a possibilidade de que, uma vez que a técnica foi incorporada, a possibilidade da ginasta passar a agir pelo corpo-próprio, já que o agir técnico do corpo acontece sem intermediário, de maneira instintiva e intuitiva. Exemplificando, antes mesmo da ginasta processar a ação, ela a executou de maneira imersiva e inconsciente, isto é, quem percebeu a ação foi o corpo-vivo. A ginástica em si, de maneira geral, não é um dispositivo imersivo como Andrieu e Nóbrega 2016 nos apresentaram a dança contemporânea, mas, talvez, a partir de um nível de especialidade técnica, as habilidades adquiridas e treinadas em longo prazo permitem a ginasta acessar, durante uma apresentação, tal qual na dança contemporânea, um estado de imersão. Poderia então essa prática esportiva ser considerada um dispositivo imersivo? Nesse sentido, o corpo-vivo está constantemente envolvido em ações e movimentos que expressam sua

essência e são parte intrínseca da sua existência, mesmo sem serem conscientemente controlados pelo indivíduo, no qual emergem sensações estesiológicas, ou seja, o sentir mesmo das coisas, que emerge do corpo (Nóbrega, 2025).

Palavras chaves: Emersiologia; Estesiologia; Ginástica Rítmica;